



MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO
Inspetoria de Campo Grande - Brasil

Campo Grande, 14 de outubro de 1977

Prezados irmãos,

mais uma vez a morte passou por esta Inspetoria de Campo Grande para colher outra ilustre figura de sacerdote e de missionário:

Padre FRANCISCO MAHR

falecido às 21h00 do dia 14 de setembro último, com 74 anos de idade, 56 de profissão religiosa, 54 de missão e 48 de sacerdócio. Um câncer nos pulmões foi minando, ao longo dos últimos quatro meses, num martírio lento e dolorido, sua fibra, que parecia poder resistir por muitos anos. Nos primeiros meses esperava superar a doença, num desejo grande de chegar entre dois anos à comemoração das bodas de ouro sacerdotais. Aos poucos, porém, foi tomando consciência da gravidade do mal e, sem queixas, numa perfeita submissão ao beneplácito divino, foi pronunciando o fiat e preparou-se para a morte. Aliás sua vida foi uma constante preparação para a morte. O ministério sacerdotal, particularmente como vigário, colocou-o muitas vezes em contato com esta realidade. Ao saber da morte do P. Maurício Laporte, queixando-se de não ter sido avisado logo, disse: "Quando chegar minha hora, não tenham receio de me avisar: estou preparado". Recebeu, como presente de aniversário, o Sacramento dos Enfermos e, ao lado do breviário, que rezava no texto latino renovado, havia os livros: "Sofrer e amar" de João Mohana e "O tratado do amor de Deus" de São Francisco de Sales. Com tal preparação, seu encontro com Deus Pai, quase ao término do dia consagrado à Exaltação da Santa Cruz e ao alvorecer do dia dedicado à Comemoração de Nossa Senhora das Dores, devações muito queridas, parece-nos 'elegância da Divina Providência', como a reviver a cena do Calvário, Jesus dizendo a sua Mãe: "Eis teu filho". E Maria levou-o para a casa da morada eterna.

P. Francisco Mahr nasceu aos 6 de maio de 1903 em Moskowitz, Morávia, região do então império austro-húngaro. Dos sete filhos do casal, João Mahr e Rosália Seifried, quatro se consagraram ao serviço do Senhor: dois no sacerdócio, duas na vida religiosa. Concluído o curso primário, empregou-se em trabalhos manuais numa fazenda, até continuar os estudos como filho de Maria. Admitido ao noviciado de Ensdorf, Alemanha, recebeu a batina das mãos do Inspetor, P. Augusto Hlond, futuro cardeal. Concluiu o noviciado com a profissão religiosa aos 12 de agosto de 1921. Em 1923 embarcou para o Brasil, destinado às missões salesianas de Mato Grosso. Em Cuiabá, ocupava-se, de dia, no magistério e na assistência e, de noite, no estudo dos tratados de teologia. No dia 17 de março de 1929, com outros três companheiros, foi ordenado sacerdote pelo arcebispo D. Francisco de Aquino Corrêa. Sacerdote do Senhor: sonho acalentado havia muitos anos. Na capital matogrossense inicia com entusiasmo os primeiros passos no ministério sacerdotal. Em 1930 foi enviado para Campo Grande. Nesta

cidade os salesianos, a pedido e com o auxílio do bispo diocesano, Dom Lustosa, acabavam de adquirir o Instituto Pestalozzi, pequena semente do maior centro de educação de Mato Grosso: o Colégio Dom Bosco. Os inícios foram difíceis. Lê-se na crônica: A anarquia reinava soberana. Quase todos os internos levavam armas consigo. À noite os dormitórios eram fechados à chave para os alunos não saírem. Toda pessoa que entrava no colégio era recebida com apupos e assobios. Dom Lustosa não foi exceção. Talvez tenha sido este um dos motivos que o levaram a insistir tanto com os superiores salesianos para a aquisição. Como no sonho de Joãozinho Bosco, foi Nossa Senhora, cujo quadro fora entronizado no início do mês a Ela dedicado, a transformar os lobos em mansos cordeiros. Alunos daqueles primeiros tempo eram freqüentemente vistos passear com Pe. Mahr na varanda do colégio, agora totalmente transformado, recordando com saudades os velhos mestres, cujos proceder, apesar de exigir disciplina e seriedade, era guiado pela retidão e pela justiça.

Em 1934, após esta estada em Cuiabá, como prefeito e administrador das Escolas Profissionais, foi enviado a Araguaiana, em substituição ao P. Sacilotto, liberado pelos superiores para, em companhia do P. João Fuchs, iniciar a evangelização dos terríveis Xavante. Naquela vila, foi diretor do pequeno internato e vigário da paróquia. Sacerdote e professor, tornou-se ainda médico da região, pondo a serviço daquela pobre população os conhecimentos adquiridos. Em reconhecimento, foi-lhe dedicada uma das poucas ruas da cidadezinha. Internamente, com a ausência forçada de Mons. Couturon e do Vigário Geral, exerceu com dedicação o cargo de administrador da Prelazia.

Em 1938 foi nomeado vigário da paróquia de Santo Antônio em Campo Grande. Após tomar posse, organizou o calendário das atividades da paróquia e programou festas e novenas como momentos fortes de catequese e de evangelização. A igreja, pequena demais, foi ampliada, e construída a casa paroquial. Ao deixar, no ano seguinte, a paróquia, entregue aos Padres Redentoristas, já levantara as paredes à altura de quatro metros.

Retornou à Prelazia, percorrendo durante dois anos, missionário itinerante, as paróquias de Alto Araguaia e Guiratinga. Em 1941 sua presença foi novamente reclamada em Campo Grande. P. João Crippa, fundador e impulsor do Oratório de São José, tivera que abandonar a construção da igreja dedicada ao glorioso Patriarca, que iniciara com muita dedicação. P. Mahr estudou o ambiente e a situação, consultou pessoas entendidas e alterou a planta, sem prejuízo das obras iniciadas. Organizou logo uma "campanha em favor da construção da igreja", convocando marianos, filhas de Maria e outras associações para promoverem festas e quermesses no intuito de angariarem ofertas. A crônica registra episódios edificantes. Dois entre muitos. Uma senhora que trabalhava em costura, há muito reclamava de uma freguesia o pagamento de alguns trabalhos. Esgotados todos os meios, recorreu a São José, prometendo doar tudo para as obras da construção. Dias depois recebeu uma primeira parte e pouco mais tarde o restante. Como prometera, levou a quantia ao P. Mahr, o qual observou que talvez ela precisasse e portanto poderia ficar com uma parte. A senhora respondeu: eu não preciso de nada, queria apenas evitar uma injustiça. Outro senhor comprara um bilhete de loteria. Fez promessa de dar 10% para a igreja, caso ganhasse. Poucos dias mais tarde apareceu na construção com a oferta de 50 contos. Pequenos casos, talvez insignificantes, a demonstrar a religiosidade do povo.

Apesar das preocupações inerentes a esta construção, o inspetor salesiano, P. Carletti, encarregou-o de outra obra: uma casa para aspirantes à vida salesiana, que ele aceitou, confiante na Divina Providência, e que foi inaugurada aos 18 de junho de 1944, data cinquentenária da chegada dos Salesianos a Mato Grosso. É a construção situada ao longo da rua P. João Crippa, atual sede da Missão Salesiana de Mato Grosso.

Mahr via com pena a dificuldade de muitos jovens em freqüentar escola por isso, a partir de 1943, inaugurou uma modesta escola noturna com cursos de alfabetização, primário e de admissão. Instalada, a princípio, em pobres galpões, com o novo prédio, foi transferida para salas mais amplas e arejadas.

Aos 19 de março de 1949, Dor. Orlando Chaves, bispo diocesano, criou a paróquia de São José. Nesta data foi inaugurada a nova igreja e empossado o primeiro vigário: Padre Francisco Mahr. Para organizar a vida paroquial reanimou as associações existentes e fundou outras. Fez o levantamento das escolas situadas nos limites da paróquia e escolheu professores para ministrar o catecismo nas próprias classes. Visitando as capelas espalhadas pelos povoados, organizou comissões para zelar delas, promover as rezas e ensinar o catecismo às crianças. Como bom pastor, percorreu em desobriga o vasto território da paróquia para conhecer os paroquianos e dar-lhes oportunidade de cumprir com os deveres religiosos, visitando localidades que havia mais de vinte anos não tinham recebido a visita de um sacerdote.

Após breve permanência em Corumbá, vigário da catedral, retornou à Prelazia, encarregado da paróquia de Poxoreu. Ambiente novo formado de garimpeiros, na maioria vindos do nordeste, profundamente religiosos, mas preocupados mais com o lucro, embrutecidos no trabalho árduo e na busca de diamantes. O novo vigário tudo fez para os conscientizar da presença de diamantes mais preciosos a ser descobertos e trabalhados para brilhar em toda sua beleza: a graça santificante conferida pelo batismo e vivificada por uma vivência cristã, baseada no amor e nos sacramentos.

Em 1957, após passar por Três Lagoas e Araçatuba, foi nomeado vigário de Lucélia, na Alta Paulista. A igreja desmoronada era o símbolo do estado espiritual da paróquia. P. Mahr não cruzou os braços, antes arregaçou as mangas e pôz mãos a uma dupla reconstrução: material e espiritual. Ampliou o projeto da igreja numa construção grandiosa, dentro da concepção de Igreja fundada sobre a Rocha, com uma torre rica em simbolismo. A construção impôs em despesas e sacrifícios, que ele enfrentou com fé inabalável e com a colaboração, nunca desmentida, apesar das crises que se abateram na região, de um povo humilde e trabalhador. As andanças em busca de auxílios davam ao vigário a possibilidade de se encontrar com os sitiados, aos quais distribuía conselhos e ensinamentos, favorecendo o espírito cristão, tão profundamente sentido pelos colonos. Ao deixar, em 1967, doente e cansado, a paróquia de Lucélia, teve a felicidade de ver a igreja coberta e aberta ao público, embora muito restasse ainda a fazer. Passou os últimos dez anos em Campo Grande, prestando valiosa colaboração na paróquia Dom Bosco e no atendimento às confissões dos alunos do colégio.

"A atividade evangelizadora e catequética é a dimensão fundamental de nossa missão". Estas palavras das Constituições Renovadas retratam P. Mahr em sua ação de sacerdote e de vigário. Consciente da missão do sacerdote: Missão de ensinar e de santificar, foi como Dom Bosco, sempre e em toda parte sacerdote: homem de Deus e zeloso apostolo da mensagem evangélica. Em suas caminhadas pelo Leste Matogrossense ou pelos cerrados do Sul do estado foi um incansável despenseiro da Palavra e dos Sacramentos da Salvação. Nas igrejas e nas capelas era o padre que vivia as palavras de São Paulo: "Ai de mim se não evangelizar".

Escrevia um diário de Campo Grande, por ocasião das bodas de prata da paróquia de São José da qual fora o primeiro vigário: "Não há campograndense que desconheça a figura do Padre Francisco Mahr. A sociedade e o povo em geral se reunia na pequenina capela para assistir não somente à Santa Missa, como também para acolher o chamento no novo vigário que, numa visão nítida e quase sobrenatural, já antevia Campo Grande cidade próspera e pujante, como ela está, convidando famílias e comunidade a se darem as mãos para a construção da igreja, cujos alicerces haviam sido lançados pelo P. João Crippa. P. Francisco Mahr conseguiu angariar a amizade e a admiração da comunidade pelo seu dinamismo, pela sua simplicidade e demais virtudes de verdadeiro apóstolo de Cristo. Não havia dia que deixasse de visitar os doentes nos hospitais, para levar a palavra de conforto e a bênção de sacerdote."

"Nossa missão realiza-se dentro e a serviço das Igrejas locais" dizem as Constituições Renovadas. Para Padre Mahr esta foi uma constante de sua longa atuação de vigário. Formado numa adesão plena e incondicional às diretrizes da Igreja, não tolerava abusos e liberdades na liturgia ou críticas à palavra do Magistério Eclesiástico, tão comuns neste período post-conciliar, levantando firme sua palavra de desaprovação.

Amante da congregação, falava com entusiasmo de suas benemerências e servia-se da pena para as divulgar. Quando da programação das atividades inspetoriais, foi um daqueles que sugeriu o restabelecimento da "semana de orações" para cada casa, aconselhando meios e gestos concretos para favorecer o espírito comunitário. Fiel ao sistema preventivo, era "fraternamente presente" entre os jovens, iluminando-os e estimulando-os para o bem.

Nascido no mês de maio, parecia ter sugado com o leite materno a devoção sincera e filial para com Nossa Senhora. Vigário da paróquia de São José, reorganizou a Arquiconfraria dos Devotos de Nossa Senhora Auxiliadora, iniciando a visita de sua imagem pelas famílias, que acompanhava sempre lhe fosse possível. Nas visitas aos doentes dava com muita fé e devoção a bênção divulgada por Dom Bosco e, nos meses de sua enfermidade, a recebia com gratidão. Ao falar de Nossa Senhora aos fiéis ou aos jovens sua voz vibrava de santo entusiasmo, transmitindo-lhes o mesmo amor filial.

"O trabalho é uma característica que nos foi ligada por Dom Bosco" da qual P. Mahr deu constantes provas. Ele foi um grande salesiano, que muito trabalhou, escreveu Dom Camilo, ao enviar suas condolências. As obras construídas, as desobrigas realizadas por estas regiões, quando as estradas eram muito primitivas, as atividades exercidas atestam a verdade desta afirmação. Nos últimos anos, não podendo mais atender a outra atividades, dedicou-se ao apostolado da pena, publicando na imprensa artigos "sérios, sólidos e instrutivos". Escrevia-lhe um velho amigo: li, com verdadeiro agrado, o seu saboroso trabalho "Pelas paróquias do sul de Mato Grosso". Referia-se o amigo a uma série de artigos por ele publicados como apontamento para uma futura história eclesiástica do Sul de Mato Grosso. Os artigos eram fruto de longas pesquisas em velhos livros de tombo, em entrevistas ou em visitas a lugares e pessoas.

Prezados irmãos, à beira do túmulo, onde repousa com os salesianos que o precederam, foi dito que o Padre Mahr foi como um velho jatobá que, ao tombar, abre grande clareira na floresta. Peçamos ao Senhor da messe que, premiando o servo bom e fiel, envie a esta inspetoria, rica em frentes de trabalho, jovens entusiastas e cheios de dinamismo para preencher a clareira que a morte abriu nestes últimos tempos.

Irmão em Dom Bosco

P. José Corazza
Vigário Inspetorial

Dados para necrológio:

Padre Francisco Mahr * Moskowitz — Morávia (Tcheco-eslováquia) 6.05.1903,
+ a Campo Grande (Mato Grosso — Brasil) 14.09.1977 com 74 anos de idade,
56 de profissão religiosa e 48 de sacerdócio.
